

O regresso da anarquia

É difícil prever quando a guerra vai terminar. Se tudo correr bem, amanhã o Presidente Macron vai tentar convencer Putin a declarar vitória no dia 9 de Maio, na parada anual que comemora em Moscovo a derrota do III Reich.

Carlos Gaspar | Público | 24 de Abril de 2022

No dia seguinte [à invasão russa](#), nas palavras claras de Annalena Baerbock, ministra dos Negócios Estrangeiros da Alemanha, “acordámos num mundo diferente”. O mundo está mais perigoso e é preciso compreender o que mudou para poder responder às transformações aceleradas pela [guerra da Ucrânia](#).

Em primeiro lugar, o “momento unipolar” chegou ao fim. Os Estados Unidos perderam a sua supremacia e desistiram de garantir a estabilidade internacional, enquanto a China e a Rússia consolidam a sua posição como grandes potências. A nova balança triangular é mais instável do que a hegemonia norte-americana ou do que a divisão bipolar da Guerra Fria.

A invasão da Ucrânia confirma o regresso da anarquia. Na ordem internacional, a guerra é inevitável, mas foi possível evitar as guerras entre Estados na Europa desde a derrota da Alemanha na II Guerra Mundial até ao dia 24 de Fevereiro de 2022, quando a maior potência euro-asiática invadiu o maior Estado europeu.

Em segundo lugar, a Rússia é uma potência revisionista, que conjuga a sua vontade de mudar a ordem liberal com uma notável capacidade para correr riscos. Em 2014, [anexa a Crimeia](#) e dá início à “guerra híbrida” no Donbass e, no ano seguinte, a intervenção militar russa garante [a vitória dos seus aliados na Guerra da Síria](#). Nem os Estados Unidos nem os aliados europeus conseguem responder à viragem ofensiva da Rússia, cujo sucesso consolida o seu estatuto como grande potência.

A invasão da Ucrânia devia ter repetido o mesmo padrão. Porém, a resistência imprevista da Ucrânia, a unidade inesperada entre os Estados Unidos e os aliados democráticos e [a surpreendente viragem da Alemanha](#) comprometem o sucesso da intervenção da Rússia, que tem de rever em baixa [os seus objectivos de guerra](#).

Em terceiro lugar, a China está refém da sua “[parceria estratégica](#)” com a Rússia. A China não só se recusa a condenar a invasão russa, que viola os princípios da soberania supostamente sagrados para a diplomacia chinesa, como garante que o seu principal aliado não corre o risco de ficar isolado na confrontação com os Estados Unidos. Os diplomatas chineses protestam que a relação entre as duas potências revisionistas não é uma aliança e não é dirigida contra ninguém. Porém, na véspera da invasão da Ucrânia, o Presidente Putin vai a Pequim assinar com o Presidente Xi uma Declaração Conjunta que qualifica a relação entre os dois Estados como uma parceria “sem limites”.

A nova aliança entre Moscovo e Pequim consolida-se com o insucesso da aventura ucraniana, que torna a Rússia mais dependente da China e confirma a tendência de bipolarização que vai opor o bloco euro-asiático dominado pelas duas grandes potências continentais à comunidade das democracias que estão ao lado dos Estados Unidos para defender a ordem liberal.

Em quarto lugar, os Estados Unidos conseguem recuperar a sua posição como a potência dirigente da aliança das democracias, mas não têm condições para restaurar um quadro de estabilidade internacional, nem estão preparados para rever a sua estratégia, que se concentra na contenção da China.

O Presidente Biden declara desde antes da invasão que os Estados Unidos não intervêm militarmente na Ucrânia e a NATO segue a sua posição. Isso não impede os Estados Unidos e os seus aliados de punir a Rússia e de assegurar a sobrevivência da Ucrânia por todos os meios, excepto a intervenção de forças aliadas no conflito. Essa limitação confirma que a principal potência internacional não tem capacidade para travar simultaneamente uma guerra na Europa e uma guerra na Ásia e que mantém intacta a sua prioridade asiática.

Em quinto lugar, a Alemanha decide separar-se da Rússia para consolidar a sua posição como o principal aliado europeu dos Estados Unidos e defender a ordem liberal. No dia seguinte à invasão, o chanceler Scholz classifica a agressão contra a Ucrânia como uma viragem histórica e anuncia a decisão de pôr fim à dependência energética da Rússia e de duplicar os orçamentos militares da Alemanha para assegurar a capacidade de defesa convencional europeia no quadro da NATO contra a ameaça russa. Com o fim da *Ostpolitik*, Berlim deixa de balançar entre Washington e Moscovo e confirma a sua ancoragem europeia e ocidental.

A Alemanha é demasiado grande e demasiado vulnerável para continuar a ser um anão político e vai recuperar a sua autonomia estratégica em todas as dimensões, nomeadamente na segurança e na defesa. A aliança nuclear com os Estados Unidos é indispensável para dissuadir a Rússia, mas Washington precisa que os seus aliados assumam responsabilidades crescentes no domínio na defesa e, nesse contexto, é improvável que continue a impedir que a Alemanha ou o Japão se tornem potências nucleares.

Em sexto lugar, a Ucrânia passa a ser parte integrante da Europa. A resistência à invasão russa confirma não só a sua vontade de existir como uma nação livre e um Estado independente, como a sua identidade europeia, que se consolida depois da anexação da Crimeia.

A invasão russa torna definitiva a ruptura entre Kiev e Moscovo. A Rússia perdeu a Ucrânia, que deixa de ser a fronteira da Rússia com a Europa para ser a fronteira da Europa com a Rússia. Berlim, Londres e Varsóvia reconhecem a importância decisiva da Ucrânia para garantir a sobrevivência da Europa do *post*-Guerra Fria. A principal mudança no mapa europeu com o fim da União Soviética é a independência da Ucrânia

e a sua integração na Europa das democracias deve ser a nova prioridade da política europeia.

É difícil prever quando a guerra vai terminar. Se tudo correr bem, amanhã o Presidente Macron vai tentar convencer Putin a declarar vitória no dia 9 de Maio, na parada anual que comemora em Moscovo a derrota do III Reich. Nada obsta a que Putin proclame a vitória, tal como Khrushchev também o fez no fim da crise de Cuba, depois de ser obrigado a retirar as armas nucleares que tinha instalado nas Caraíbas. Mas, tal como em 1962, o essencial é impedir que Putin possa ganhar a guerra da Ucrânia.

<https://www.publico.pt/2022/04/24/opiniao/opiniao/regresso-anarquia-2003630>